

## **Questões que a religiosidade popular levanta para mim**

**Richard Wangen**

Muito embora as manifestações de Religiosidade Popular sejam mais evidentes no meio do povo católico romano deste país, pretendo restringir os meus comentários ao povo interiorano e aos moradores dos bairros operários. As duas áreas ainda abrangem uma larga faixa social dentro da igreja evangélica.

O termo Religiosidade Popular é bastante amplo e de maneira alguma exclui os evangélicos. Para eles, apenas as formas diferem, ainda que, em termos gerais, a expressão desta religiosidade gire quase sempre em torno da saúde. Parece-me que a nossa preocupação poderia ser expressa em duas partes: (1) Qual é a gênese ou a razão deste fenômeno? (2) Como é que devemos encarar teologicamente a sua manifestação?

Pessoalmente sinto que a seqüência deve ser da gênese para a interpretação e não vice-versa, o que normalmente tendemos a fazer. Preconceitos e pressupostos, consciente ou inconscientemente mantidos por nós, cegam a nossa capacidade de avaliar e compreender o fenômeno de uma maneira mais objetiva. As manifestações religiosas do povo evangélico aparentemente contradizem uma teologia bíblica e evangélica. Entretanto, compreendidas as razões de ser, talvez esta compreensão modifique a própria interpretação teológica. Sem dúvida, diante da complexidade que a sociedade moderna apresenta, as afirmações que faremos serão aproximativas e indagatórias, a fim de abrir novas perspectivas sobre o assunto.

1. O povo evangélico que vive em condições menos privilegiados não se dá ao luxo de refletir profundamente sobre a sua fé. Ele pensa de uma maneira concreta e imediata. Geralmente as condições de vida exigem dele uma constante preocupação pela sobrevivência; tanto isto é verdade que quase tudo que ele faz, mesmo sua religião, está ligado a este fator. A religião, portanto, não é objeto de reflexão nem é uma força que regula a ética da pessoa, a não ser na medida em que ela é

funcional e coaduna com os condicionamentos dos pais e da sociedade na qual vive. Diz o médico Gotthard Booth, pesquisador sobre assuntos de religião e medicina: "Parece que religião é um elemento integral da personalidade humana. Mesmo onde a vida religiosa consciente já cessou, os seus elementos sobrevivem conforme as convenções sociais e morais herdadas de formulações histórico-religiosas." Portanto, precisamos dizer que a religiosidade natural do homem desempenha uma função importante na vida do povo evangélico, sobretudo na área da saúde. Aqui não estou me referindo à fé cristã, e sim à religiosidade em si. Aliás, precisamente neste ponto a nossa tendência é de confundir o fenômeno da fé propriamente dita com a condição psíquica que inclui expressões religiosas. São estas que dispõem o organismo humano de tal maneira que promovem a sua luta natural pela saúde. O famoso médico-teólogo inglês Leslie Weatherhead afirma que "a 'fé' necessária para curar não possui, e nunca possuiu, um caráter teológico. Era antes, uma confiança expectativa numa pessoa." Se aceitarmos a admissibilidade desta constatação, as perguntas que surgem serão as seguintes:

Quais são os condicionamentos do meio ambiente que dão mais confiança à pessoa do curandeiro do que ao médico ou até ao pastor? Será que a nossa ciência médica ou teológica cria uma desconfiança que aliena mais do que reconcilia? Poderíamos dizer que a nossa ciência médica ou teológica é, para o colono, tão intimamente ligada com o poder econômico que "a confiança expectativa", elemento importante para a cura, é solapada pela desconfiança sentida pela opressão econômica? Dois fatores curiosos alimentam a minha indagação: Ponto pacífico é que as atividades religiosas de cunho popular, como curas ou gestos ritualistas, são, economicamente falando, baratas. Já no campo da saúde, conforme a constatação de um conhecido médico, "o povo" confia na perícia de um médico de acordo com o preço da consulta. Isto significa que um bom médico, que cobra menos pela consulta, não seria considerado bom por esta razão. O povo desconfia até que se crie uma "confiança expectativa" na pessoa.

Um outro fator que predispõe o interiorano à Religiosidade Popular e suas curas é a sugestibilidade da pessoa. Esta qualidade é algo que possuímos ou não. Ser sugestível não é assunto cuja posse leva à congratulação ou à censura, mas sabemos também que a educação moderna e científica tende a diminuir a sugestibilidade. Isto não significa que um intelectual não é sugestível, mas que a sua sugestibilidade partiria de níveis mais abstratos. Esta qualidade, no entanto, permanece como fator de forte influência tanto na religiosidade como no bem-estar das pessoas.

2. Dado o pragmatismo de sobrevivência da maioria do nosso povo, e outros fatores acima mencionados, é necessário dizer que em grande parte o apelo à religião popular não implica em apostasia ou negociações com o diabo, e sim num grito de socorro frente a uma opressão insuportável: (a) em termos de uma medicina despersonalizada, mecanicista e desumana; (b) em termos financeiros, a inoperacionalidade dos departamentos previdenciários do governo; (c) em termos de uma esterilidade ritualista e litúrgica dos cultos evangélicos, onde formas frias e racionais procuram comunicar-se com um povo que não tem condições de compreender abstrações não relacionadas com a sua vida concreta.

3. Constatando, então, o parentesco que existe entre a religião e a saúde e a luta pela sobrevivência para o povo (em todos os sentidos: dignidade, humanidade, sentido de vida e transcendência), de forma alguma queremos negar-lhe a sua egocentricidade, pecaminosidade, e "falta de fé" (sinônimos). Mas queremos colocar tudo dentro de um quadro muito maior, e, partindo deste quadro, refletir teologicamente. Caso contrário, incorreríamos no risco de coar mosquitos e engolir camelos (Mt 23,24). Precisamos perguntar quem são os pequeninos, os fracos na fé para nós? Jesus disse: "Qualquer, porém, que fizer tropeçar a um destes pequeninos que creem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse afogado na profundidade do mar" (Mt 18,6). Numa sociedade tecnocrata de consumo os benefícios da medicina se tornaram inacessíveis para a maioria do nosso povo. Tem gente que morre em filas esperando inscrever-se no guichê do INPS ou Funrural. Tem gente morrendo pelo desleixo do médico que não atende, uma vez assegurado leito no hospital. Tem gente que enfraquece a sua família toda, gastando tudo o que tem em remédios, cujos preços foram estabelecidos pelas empresas farmacêuticas estrangeiras. Com a tecnologia dos hospitais modernos, a pessoa é privada totalmente do seu próprio "eu". O relacionamento, o acolhimento comunitário, o sentido de pertencer à natureza – todos elementos imprescindíveis para a saúde – lhe são negados. Com que direito podemos recusar a Religiosidade Popular como um lenitivo mais condizente no meio desta violência? Será que a insistência nossa de que a ciência médica, na sua presente forma, responde às necessidades de saúde do povo não é mais satânica e idólatra do que as formas humildes que o nosso povo procura na sua desesperada tentativa de sobreviver? Estas são perguntas cujas respostas não podem ser meras negações.

4. Por outro lado, o questionamento feito pela Religiosidade Popular ao ministério evangélico não é menos sério. Clinebell, no seu livro **Basic types of pastoral counselling**, fala sobre quatro necessidades espirituais básicas que todos os homens têm. Transcrevemo-las aqui:

- (1) A necessidade de uma filosofia de vida significativa e de um objeto desafiador de auto-investimento.
- (2) A necessidade de um senso do numinoso e transcendente.
- (3) A necessidade de uma experiência profunda de um relacionamento cheio de confiança com Deus, com as outras pessoas e com a natureza.
- (4) A necessidade de realizar a "imagem de Deus" dentro de nós mesmos, desenvolvendo nossa mais verdadeira humanidade por meio da criatividade, consciência e liberdade interior.

É evidente que a Religiosidade Popular satisfaz algumas dessas necessidades melhor do que aquilo que está sendo feito em nossas comunidades! Acho que a polêmica com a Religiosidade Popular será infrutífera e engrossará ainda mais as fileiras favoráveis à Religiosidade Popular. Não seria interessante ouvir seriamente as críticas implícitas na Religiosidade Popular para podermos servir o nosso povo melhor, sem perder o conteúdo evangélico e o seu poder profético? Será que uma pregação barthiana representa uma posição adequada para o contexto latinoamericano? Essa queda para a Religiosidade Popular é mera heresia diabólica, ou encobre ela um protesto mudo contra o nosso ministério evangélico?